

# O método marxiano de investigação e o enfoque misto na pesquisa social: uma relação necessária

The marxist method of research and the joint approach in social research: a necessary relationship

JANE CRUZ PRATES\*



**RESUMO** – O presente artigo tem a finalidade de problematizar a relação necessária entre o método marxiano de investigação e o enfoque misto ou quanti-qualitativo na pesquisa social. Abordamos inicialmente as principais características do método de pesquisa utilizado por Marx e explicitado no conjunto de sua obra, bem como sistematizações de autores marxistas que o analisam e dão visibilidade ao movimento de desvendamento do real por ele realizado, destacando a articulação entre qualidade e quantidade. Posteriormente, apresentamos as características do enfoque misto, buscando dar visibilidade a suas aproximações, com ênfase nos diferentes desenhos possibilitados por este modo de investigação e na técnica de triangulação, que o caracteriza.

**Palavras-chave** – Pesquisa social. Método marxiano. Enfoque misto. Estudos quanti-qualitativos. Triangulação. Teoria de pesquisa.

**ABSTRACT** – This article has the purpose of analyze the relationship required between the Marxist of research and the joint approach. We discuss initially the main features of the search method used by Marx and expressed in his work, as well as Marxist authors that analyze and give visibility to the movement of real ownership held by him, highlighted the linkage between quality and quantity. Subsequently, we present the characteristics of the mixed approach, seeking to give visibility to their approximations, with emphasis on different designs made possible by this mode of research and the technique of triangulation, that characterizes him.

**Keywords** – Social research. Marxist method. Mixed method approach. Triangulation. Search theory.

---

---

\* Assistente social. Mestre e doutora em Serviço Social pela PUCRS. Pesquisadora produtividade do CNPq, líder do Grupo de Estudos sobre Teoria Marxiana, Ensino e Políticas Públicas – GTEMPP e Professora da Faculdade de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGSS/PUCRS), Porto Alegre – RS, Brasil E-mail: [jprates@pucrs.br](mailto:jprates@pucrs.br)  
Submetido em: junho/2012. Aprovado em: junho/2012.

**A** densar o debate sobre o aprimoramento de estratégias acerca da investigação social, considerando sua relevância para desocultar as múltiplas formas como a questão social se expressa no tempo presente, seja no que concerne às desigualdades, como em relação às estratégias utilizadas pelos sujeitos para enfrentá-la, é de fundamental importância para o Serviço Social.

É importante, porém, que reconheçamos a necessidade de as investigações pautarem-se em fundamentos coerentes com os que orientam a profissão, como de resto, as demais estratégias que materializam valores coletivamente legitimados pelo coletivo profissional, como princípios para o ensino e o trabalho profissional.

A contribuição da obra marxiana tem sido reconhecida pela categoria, na medida em que envolve elementos que podem ser mediados para a efetivação de processos de análise e intervenção.

Marx apropria-se das categorias que emanam da realidade e volta a ela utilizando-as para explicar o movimento de constituição dos fenômenos, a partir de sucessivas aproximações e da constituição de totalizações provisórias, passíveis de superação sistemática, porque históricas. Nesse processo de apreensão, o autor considera fundamental dar visibilidade às contradições inclusivas que o permeiam e às transformações ocorridas no percurso, transformações estas que resultam de múltiplas determinações, cuja análise interconectada amplia a possibilidade de atribuir-se sentidos e explicações à realidade.

A expressão do real se manifesta e se constitui por elementos quantitativos e qualitativos, objetivos e subjetivos, particulares e universais, intrinsecamente relacionados. Sua separação pode se efetivar apenas para fins didáticos, contudo, ao analisarmos o movimento ou a “vida da realidade”, para usar uma expressão de Lefebvre (1991), é necessário reconhecermos que todos estes aspectos precisam ser interconectados para que a explicação contemple o fenômeno como unidade dialética e tenha, portanto, coerência com o próprio método.

A separação como parte do processo de análise, diferente da fragmentação, permite um aprofundamento parcial, mas o retorno ao conjunto articulado é fundamental ao processo; realiza-se, portanto, um movimento indutivo e dedutivo, do todo para a parte e da parte para o todo.

A compreensão dialética da totalidade significa não só que as partes se encontram em relação de interna interação e conexão entre si e com o todo, mas também que o todo não pode ser petrificado na abstração situada por cima das partes, visto que o todo se cria a si mesmo na interação das partes (KOSIK, 1989, p. 42).

Sujeitos, realidades e fenômenos são constituídos por elementos temporais, por exemplo, cuja identificação e reconhecimento são essenciais para que possamos explicar as suas transformações em diferentes estágios, que manifestam qualidades distintas. Não há como esperar que uma criança ande com 3 ou 4 meses, porque o tempo de maturação do seu corpo, um dado quantitativo, ainda não permite a transformação do não andar em andar. Mas a simples ou complexa maturação do corpo infantil não é suficiente para garantir a superação dessa contradição. São igualmente necessários aspectos de difícil quantificação, como estímulos, o contexto onde esse processo se realiza, entre outros condicionantes.

Essa relação necessária é observável na Física, pois a água não ferve e muda de estado sem que seja aquecida a 100 graus centígrados. Também é exemplificada no planejamento de uma política social, no qual não é suficiente apenas escutarmos as demandas dos sujeitos; embora isso seja fundamental, é necessário quantificarmos recursos disponíveis para sua implementação, níveis de cobertura existentes, vazios de atendimento por território, entre outros aspectos. Reitera-se, portanto, a necessária relação entre quantificação e qualificação para a efetivação de diagnósticos e planos, cuja consistência indubitavelmente depende da realização de investigações mais amplas e de qualidade.

Se, por outro lado, nos preocupamos com a transformação do real e, destaque-se, esta é uma questão central na proposta de Marx, a visibilidade ao movimento, sua apreensão integral e propostas

para incidir no real precisam ser viáveis, portanto, contemplar processos e resultados, argumentos que se pautem em dados quantitativos e qualitativos. Logo, a supervalorização de um desses aspectos pode significar a secundarização do outro de igual relevância.

O questionário de 1880, realizado por Marx, dirigido à classe operária francesa, para que os próprios sujeitos descrevessem as condições nas quais eram explorados, pois, segundo Marx, somente eles poderiam convenientemente fazê-lo, é um bom exemplo do caráter teleológico das investigações orientadas para a transformação. Conforme Lanzardo (apud THIOLENT, 1987), o questionário traz implícito o princípio de um método de trabalho político que se encontra na crítica da Economia Política. A *enquête* operária conduzida por Marx, mais do que um instrumento exemplarmente elaborado de investigação social, se constituiu numa estratégia de conscientização e mobilização, condições necessárias, embora não suficientes, para qualquer processo de transformação social.

Conclui Lanzardo, destacando a relevância fundamental do processo, em que pese a devolução dos instrumentos terem sido pouco significativas em relação ao número enviado, ao ressaltar que “o essencial era que os questionários, chegando aos operários, lhes dessem novas possibilidades de conhecer a maneira pela qual a exploração capitalista funciona” (apud THIOLENT, 1987, p. 244-245).

Embora elaborado a partir de questões fechadas, o que possibilitaria sua quantificação, o questionário tinha um cunho político fundamental, que atestava sua preocupação com os aspectos qualitativos que, para o autor, eram complementares e igualmente relevantes.

Pretende-se aportar algumas reflexões sobre o método marxiano, enfatizando especialmente a relação entre quantidade e qualidade, bem como relacionando estes aspectos às características dos chamados métodos mistos, quanti-qualitativos ou multimetodológicos.

## O método em Marx e a relação com os enfoques mistos

A perspectiva dialética consiste, antes de tudo, em ver a vida como movimento permanente, como processo e provisoriedade, o que precisa ser contemplado na análise das formas e fenômenos sociais, de modo a superar uma visão estagnada de estados na medida em que se reconhece o movimento, o devir, que será novamente negado para que o próprio movimento siga seu curso (MENDES; PRATES, 2007).

Este método se pauta numa concepção que se desenvolve, conforme destaca Lefebvre (1991, p. 21),

[...] superando as oposições da forma e do conteúdo, do teórico e do prático, do subjetivo e do objetivo, do para si e do em si. O método não deve desdenhar da lógica formal, mas retomá-la. Portanto, o que é esse método? É a consciência da forma, do movimento interno do conteúdo. E é o próprio conteúdo, o movimento dialético que este tem em si, que o impele para a frente incluída a forma. A lógica dialética acrescenta a antiga lógica, a captação das transições, do desenvolvimento, da ligação interna e necessária das partes no todo.

A escolha do método pressupõe valores, mas o método escolhido aporta do mesmo modo valores; na verdade, importa reconhecer a centralidade dos valores, que dão sentido às investigações e práticas.

A explicitação desses valores passa pela concepção de homem, reconhecido como sujeito ou como objeto, cuja autonomia é capturada pela sociedade centrada na mercadoria. Sociedade, entendida como harmônica, na qual tudo o que é diverso precisa ser adaptado, ou antagonista, na qual interesses diversos de classe se manifestam explicita ou implicitamente (PRATES, 2009).

Na concepção marxiana um homem só pode ser considerado autônomo quando “é senhor de si mesmo, quando deve a si seu modo de existência. Se, ao contrário, considera-se dependente, não só no que tange à sua própria manutenção, mas na fonte de sua vida, a última, por não ser sua própria criação, fundamenta-se fora dele, aliena-se” (MARX, 1978, p. 14).

Conforme ressalta Cury (1986, p. 13-19):

Uma visão dialética do homem e de seu mundo histórico-social implica conceber a realidade social como efetivo espaço de luta de classes, no interior da qual se efetua a educação, rejeitando a impositividade da dominação, como o espontaneísmo das classes dominadas [...]. Indicar o real como contraditório significa fornecer armas teóricas ao movimento de superação da sociedade capitalista. A ocultação desse caráter implica justificação teórica do existente.

A ideia de comunismo em Marx (1978, p. 8) não se limita à superação da propriedade privada material, mas busca a superação da autoalienação do homem, como superação do antagonismo dos homens entre si, do homem e a natureza, portanto, como humanismo/naturalismo acabado, como retorno do homem a si enquanto ser social. Diz Marx (1978, p. 11): “A superação da propriedade privada é por isso a emancipação total de todos os sentidos e qualidades humanos; mas é precisamente esta emancipação, porque todos estes sentidos e qualidades se fizeram humanos, tanto objetiva como subjetivamente”.

A unidade indissociável entre teoria e prática é outro aspecto que caracteriza este método. Segundo Marx (1993), é na prática que o homem deve mostrar a verdade e o poder do seu pensamento, razão pela qual a prática é considerada, para a dialética marxiana, critério de verdade. No entanto, não pode ser qualquer prática, e sim uma prática orientada pela teoria, com clareza de finalidade, ou seja, uma práxis.

Em relação ao processo de conhecimento, o método marxiano pode ser caracterizado como dedutivo-indutivo. Segundo Lefebvre, referindo-se à lógica concreta, a inteligência “analisa, separa, divide, e deve fazê-lo. A razão une, agrupa, esforça-se por encontrar o conjunto e a relação” (LEFEBVRE, 1991, p. 235). Mas a contradição entre inteligência e razão, complementa, “renasce sempre e deve sempre renascer, e isso porque, incessantemente, o entendimento deve separar e a razão unir” (LEFEBVRE, 1991, p. 235).

Conforme Lefebvre (1991, p. 121): “A indução vai dos fatos à lei, ou seja, de um conjunto de fatos particulares a uma conclusão geral. A filosofia clássica opõe a indução à dedução, a qual vai do geral ao particular [...], por outro lado, distingue a indução rigorosa da amplificadora”. A segunda, chamada de indução baconiana, considerada pelo autor como a única fecunda, admite a possibilidade de se passar de um número finito de fatos estudados para um número infinito de fatos possíveis, enquanto a primeira restringe-se a conclusões acerca dos fatos particulares estudados (1991, p. 122).

Lefebvre (1991, p. 129) argumenta que os fundamentos da “ciência experimental indutiva não têm uma natureza diversa daquela da lógica; as exigências da ciência (quantitativa) não são profundamente diferentes daquelas da linguagem e de sua lógica (qualitativa)”.

A ciência, diz o autor, vai mais longe, tanto no que concerne à lei quanto ao conceito, pois admite, em relação a ambos, a continuidade e a descontinuidade. Referindo-se ao devir, complementa: “Se é quantitativo é também qualitativo. E o passado se prolonga, dura no presente, conserva-se mais ou menos no presente. O devir desigual apresenta graus, ritmos múltiplos, correntes mais ou menos profundas” (idem). Por fim, conclui: “tanto a indução quanto a dedução separam certos fenômenos, conseguem por esse meio determiná-los e, depois, esforçam-se por reintegrá-los no universo – na totalidade e na interação dos fenômenos” (idem).

Segundo Severino (2006, p. 187), “O raciocínio é o momento madurecido do pensamento; raciocinar é encadear juízos e formular juízos é encadear conceitos”. Logo, diz o autor, o conhecimento humano inicia-se com a formação de conceitos. E complementa esclarecendo:

O raciocínio divide-se basicamente em duas grandes formas, a dedução e a indução. O raciocínio dedutivo é um raciocínio cujo antecedente é constituído de princípios universais, plenamente inteligíveis; através dele se chega a um consequente menos universal. [...] Deduzindo-se passa-se das premissas à conclusão [...]. A indução, ou o raciocínio indutivo, é uma forma de raciocínio em que o antecedente são dados e fatos particulares e o consequente uma afirmação mais universal. [...] A indução parte, pois, de fatos particulares conhecidos para chegar a conclusões gerais até então desconhecidas (2006, p. 192-193).

Hobsbawm (1989) aponta, basicamente, cinco procedimentos epistemológicos utilizados por Marx para explicar o real. O primeiro parte da análise da estrutura das relações sociais. Entende por estrutura “as relações de conexão, de mútua dependência, de ligação recíproca e de articulação existentes entre os elementos de um conjunto”. As estruturas, para Marx, ressalta o autor, “são realidade em movimento, conexões temporais, que se reproduzem durante uma certa época histórica antes de desaparecer, deixando lugar para outras”.

Contudo, é preciso ultrapassar as conexões visíveis e nisto consiste exatamente o trabalho da ciência – passar das aparências para a estrutura interna oculta do real (segundo procedimento).

Conforme Hobsbawm (1989), todo o procedimento epistemológico de Marx se funda na seguinte série de princípios:

Toda a forma é uma relação que se produz e reproduz dentro de certos limites, que está, por conseguinte, em movimento e é, portanto, uma forma de movimento. Toda a relação pode ser captada em sua estrutura aparente ou em sua estrutura interna (p. 362-363).

Como terceiro procedimento, o autor identifica a prioridade dada por Marx ao conhecimento das estruturas antes de conhecer sua história (gênese, transformação, evolução). Para resgatar a gênese, refere o autor, Marx utiliza dois procedimentos distintos – um regressivo, outro progressivo. O primeiro (regressivo) busca na história a gênese de cada um dos elementos, ou seja, “parte do presente, retorna ao passado para descobrir o processo que permitiu a presente ser o que é”. O próprio movimento exige outro movimento complementar (progressivo) que, partindo do passado, retorna ao presente mostrando seu desenvolvimento (PRATES, 2003).

O quarto procedimento, segundo a análise de Hobsbawm (1989), é o pressuposto marxiano da existência de relações de correspondência entre a estrutura econômica e as outras estruturas de uma sociedade. A este respeito, segundo Marx (1989, p. 28),

[...] na produção social da sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e a qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral.

O quinto procedimento epistemológico utilizado por Marx consiste na ideia de que “os sistemas econômico-sociais são submetidos a leis de desenvolvimento fundadas no desenvolvimento das contradições internas à sua estrutura” (HOBBSAWM, 1989, p. 363). Essas contradições, por serem

constitutivas, são suas bases insuperáveis. Como exemplo, podemos citar o antagonismo de classes inerente ao modo de produção capitalista (PRATES, 2006).

Lefebvre (1991), explicitando o movimento realizado pelo método marxiano, destaca que Marx, para acompanhar o capitalismo e a sociedade burguesa sob o duplo aspecto que inclui tempo (formação e dissolução) e atualidade (coerência, autorregulação), não parte de um estudo histórico, mas da lógica. Diz Lefebvre, referindo-se ao movimento realizado por Marx:

Extraí uma forma – o valor de troca, mostra sua estrutura (um conjunto de equivalências) e seu funcionamento (troca, circulação, constituição do dinheiro e da moeda). Depois passa para o conteúdo: o trabalho social produtivo, com suas perequações coerentes, os meios sociais (produtividade média de uma sociedade determinada, etc.). Atinge assim o histórico (divisão do trabalho, acumulação do capital, formação da burguesia) (LEFEBVRE, 1991, p. 22).

A importância atribuída tanto a dados quantitativos como qualitativos, utilizando-os de modo complementar como contraprovas históricas, pode ser verificada na obra marxiana *O capital* (1989), na qual Marx, referindo-se à exploração do trabalho infantil, descreve-a com riqueza de dados quantitativos. Além de apresentar o número de crianças envolvidas em trabalhos insalubres nas fábricas inglesas, e realizar cortes por faixa etária, condições físicas e horas trabalhadas, complementa suas análises com extratos da expressão dos sujeitos. Afirma Marx (1989, p. 279):

A fabricação de fósforos de atrito data de 1833. [...] A metade dos trabalhadores são meninos com menos de 13 anos. [...] Essa indústria é tão insalubre que somente a parte mais miserável da classe trabalhadora, viúvas famintas, etc., cede-lhe seus filhos, crianças esfarrapadas, subnutridas, sem nunca terem frequentado escola. [...] Entre as testemunhas inquiridas, 270 tinham menos de 18 anos, 40 tinham menos de 10, 10 apenas 8 e 5 apenas 6. O dia de trabalho variava de 12, 14 e 15 horas, com trabalho noturno e refeições irregulares. Dante acharia que foram ultrapassadas nessa indústria suas mais cruéis fantasias infernais.

Complementa Marx (1989, p. 280), acrescentando a fala dos meninos que trabalhavam na fábrica de fósforos: “Tenho 13 anos de idade, no último inverno trabalhávamos até 9 horas da noite e no inverno anterior até 10. No inverno passado, meus pés, feridos, doíam tanto que eu gritava todas as noites”.

E, por fim, completa Marx (1989, p. 292):

Ninguém pode pensar na quantidade de trabalho que, segundo o depoimento de testemunhas, é realizado por crianças de 9 a 12 anos, sem concluir irresistivelmente que não se pode mais permitir que continue esse abuso de poder dos pais e dos patrões. [...] George, de 9 anos, declara: “Vim trabalhar aqui na sexta-feira passada. No dia seguinte tive de começar às 3 horas da manhã. Por isso fiquei aqui a noite inteira. Moro a 5 milhas daqui. Dormi no corredor sobre um avental e me cobri com um casco pequeno”.

Lefebvre (1968), ao expor o método marxiano de investigação, fala do movimento de *detour* para se chegar à gênese, um processo regressivo quando busca a origem e progressivo quando remonta o movimento histórico, libertando-o de suas limitações pelo processo reflexivo e interpretativo, logo, reinventando formas de ler o velho para encontrar novos significados, novas conexões. A descoberta de novos sentidos, a apropriação do movimento, nos possibilita encontrar ou construir novos caminhos (PRATES, 2003).

Referindo-se ao método de exposição utilizado por Marx, Lefebvre destaca que deve haver um fio lógico condutor que parte de um início necessário, o que será, posteriormente, desdobramento, complicação das antíteses. Diz Lefebvre (1991, p. 137): “A razão não pode avançar sem o entendimento e

sem a análise. A lógica formal e a lógica geral encontram-se no início do conhecimento, não na ordem histórica real, mas na ordem metodológica, enquanto começo do pensamento racional”.

Segundo Frigotto (1994), o método marxiano se caracteriza pela ruptura entre as análises pseudoconcretas, metafísicas de diferentes matrizes e a ciência da história ou do humano-social, epistemologicamente radical (que vai à raiz), atingindo as leis fundamentais da organização, desenvolvimento e transformação dos fatos e problemas histórico-sociais.

Marx (1989) e os marxistas que interpretam o seu método, como Lefebvre (1991) ou Hobsbawm (1989), destacam que o método de investigação deve primar por uma pesquisa profunda e exaustiva da realidade, estabelecer categorias, grupos e relacioná-las, identificando contradições e conexões.

Categorias, para Marx (1993), são elementos estruturais de complexos relativamente totais, reais e dinâmicos, cujas inter-relações dinâmicas dão lugar a complexos cada vez mais abrangentes em sentido, tanto extensivo como intensivo. Podem ser definidas como elementos que, sendo partes constitutivas, auxiliam a explicar um fenômeno, uma relação e/ou um movimento da realidade e, ao mesmo tempo, podem orientar processos interventivos. Convém reiterar, no entanto, que sua interconexão com os demais elementos que conformam o fenômeno, na perspectiva dialético-crítica, é fundamental para que possamos explicá-lo como unidade dialética, sem reduzir-lhe o sentido (PRATES, 2003).

Não basta explicar as contradições, mas reconhecer que elas possuem um fundamento, um ponto de partida nas próprias coisas, uma base objetiva real; na verdade, mostram que a realidade possui não apenas múltiplos aspectos, mas também aspectos cambiantes e antagônicos. O próprio homem só se desenvolve através das contradições. Como diz Lefebvre (1991, p. 43), “[...] o humano só pode se constituir através do inumano, de início a ele misturado para, em seguida, distinguir-se, por meio de um conflito, e dominá-lo pela resolução deste conflito”.

Mas, para o desvendamento das contradições, não basta o processo de reflexão. Segundo Hegel (apud KOSIK, 1989, p. 117), “reflexão é a atividade que consiste em constatar as oposições e em passar de uma para outra, mas sem ressaltar a sua conexão e a unidade que as compenetra”. Portanto, a análise dialética deve ultrapassar a reflexão acrítica, buscando estabelecer mediações com a totalidade, que, por sua vez, conforme esclarece Cury (1986, p. 36), “interna os dados empíricos, implica-os e os explica no conjunto das suas mediações e determinações contraditórias”.

Destas constatações decorre a lei dialética do movimento em espiral (da superação) que, segundo Lefebvre (1991, p. 240), caracteriza-se pelo “retorno acima do superado para dominá-lo e aprofundá-lo, para elevá-lo de nível, libertando-o de seus limites (de sua unilateralidade)”.

O pensamento, como o movimento da vida humana, realiza totalizações provisórias, analisa, nega, sintetiza e, com isso, introduz o novo, atinge novos graus que exigem conteúdo, qualidade. Mas, como diz Lefebvre (1991, p. 177), “a qualidade não pode se isolar. O pensamento não pode parar na qualidade, já seu próprio movimento lhe revela que ele atravessou graus [...], descobre que lhe é possível penetrar mais ou menos nesse conteúdo”.

Contudo, as modificações que acontecem no processo de desenvolvimento podem ser lentas, graduais e contínuas – quantitativas. Mas, pelo aumento das contradições, podem “desembocar numa súbita aceleração do devir”, serem bruscas, tumultuosas, expressando uma “crise interna da coisa, uma metamorfose em profundidade” – são as qualitativas (1991, p. 240).

Segundo Lefebvre, a lei dos saltos reflete a solução encontrada pelo pensamento humano para a solução da crise provocada pela intensificação das contradições. Diz Lefebvre (1991, p. 239): “A lei dos saltos é a grande lei da ação. Implica simultaneamente continuidade (o movimento profundo que continua) e descontinuidade (o aparecimento do novo, o fim do antigo)”.

Ressaltando a não dicotomização entre quantitativo e qualitativo, destaca Lefebvre (1991, p. 211):

Tão somente a quantidade permite que nosso mundo qualitativo tenha uma estrutura definida, sem deixar de ser qualitativo. No devir, a qualidade dura, se prolonga, se repete, conserva-se a mesma no curso de um crescimento quantitativo gradual. [...] Por conseguinte, a quantidade introduz a continuidade concreta, a gradualidade. Mas introduz também a descontinuidade. O ser qualitativo considerado em sua relação com a quantidade, manifesta-se como uma unidade concreta, a unidade de vários instantes sucessivos, durante os quais a qualidade não se modifica.

No entanto, após um crescimento qualitativo relativamente calmo, em determinado momento, pelo acirramento das contradições, o devir tornar-se-á transformador, abolindo “de um só golpe a unidade assim constituída, substituindo-a brutalmente por outra coisa. Assim, o devir será ao mesmo tempo contínuo e descontínuo” (idem). Desse modo, Lefebvre, ao descrever a lei dialética dos saltos, não deixa dúvidas sobre a relação intrínseca entre quantitativo e qualitativo no movimento constitutivo do real. Logo, reiteramos, dicotimizá-los é uma forma de fragmentar a realidade, de negar a unidade.

### **O enfoque misto na investigação social**

Constitui-se em tema bastante polêmico na produção da teoria e metodologia de pesquisa social a classificação dos tipos de estudo exclusivamente como qualitativos ou quantitativos, não se admitindo a existência de uma terceira categorização – os estudos mistos – com particularidades suficientes para constituir-se em nova alternativa. Os chamados estudos quanti-qualitativos, mistos ou multimetodológicos se constituem na articulação de ambos os tipos de dados, que partem de fundamentos e características distintas. Embora os teóricos, especialmente os preocupados em produzir sobre pesquisa qualitativa, admitam a sua complementaridade ao interconectá-los, não admitem a flexibilização de características que possibilitem a constituição efetiva de uma unidade.

Entendemos que a caracterização de uma pesquisa como quanti-qualitativa ou mista difere dos estudos classificados como quantitativos e qualitativos, e não só pode, como deve, valer-se de características de ambos, mesmo que enfatize um ou outro, conformando-se com outro tipo de estudo, com particularidades que emanam de ambos. Exatamente por enfatizar a articulação de dados dos dois tipos, são mais coerentes com o método marxiano de investigação, que ressalta essa relação como necessária.

Sem dúvida, sobre este tipo de pesquisa temos ainda muito a produzir em termos de teoria, no entanto, podemos instigar algumas problematizações.

Não admitimos, por exemplo, a utilização de percentuais para quantificar fenômenos que não foram coletados a partir de amostras estatisticamente dimensionadas, o que denota um rigor, a nosso ver, desnecessário, na medida em que a explicitação através de índices dá visibilidade ao que, a partir da frequência, identificamos nos processos de análise através de categorias qualitativas. Por outro lado, aceitamos o uso de hipóteses para nortear o estudo de conteúdos qualitativos e, ao mesmo tempo, somos extremamente flexíveis no dimensionamento de amostras para estudos caracterizados como desse tipo, mesmo quando realizados sem que se privilegie efetivamente o aprofundamento, ou que os sujeitos de nossa pesquisa não sejam limitados por dificuldades de acesso ao dado, o que justificaria trabalharmos com números reduzidos de informantes ou documentos.

A imensa maioria dos autores que teorizam sobre pesquisa qualitativa enfatiza os instrumentos abertos ou semiestruturados como se não fosse possível apreender conteúdos qualitativos a partir de instrumentos estruturados, privilegiando um contingente maior de pesquisados. Os instrumentos estruturados com questões abertas e fechadas, por exemplo, que trabalham conteúdos complexos, como conceitos, concepções, sentimentos, opiniões, relatos de vida e experiências, de caráter eminentemente



qualitativo, podem ao mesmo tempo contemplar questões de fácil quantificação, que aportem algumas características dos pesquisados, viabilizando a identificação de outras possibilidades de inferência, como cortes por gênero, faixa etária, etnia, renda, caracterização de subgrupos, etc.

Nossa experiência com estudos que entendemos ser do tipo misto, na sua maioria realizados para subsidiar políticas públicas e que contemplavam contingentes populacionais mais amplos, tem mostrado vigor e qualidade científica. Geralmente, eles se valem de instrumentos estruturados, com número significativo de questões fechadas, articuladas a blocos de questões abertas elaboradas, inclusive, a partir do uso de técnicas alternativas, tais como a grafia e a livre associação, gerando material qualitativo de significativa importância, alguns calculados estatisticamente para viabilizar generalizações. Embora nem sempre reconhecidos como mistos, esses estudos demonstram a viabilidade de superar a dicotomização entre quantitativo e qualitativo, na medida em que subsidiaram densas investigações (ABREU et al., 1999; REIS, PRATES; MENDES, 1995; REIS; PRATES, 2000; BULLA et al., 2004, entre outros).

Por tratar-se de estudos orientados pelo materialismo dialético e histórico, a coleta e articulação de dados empíricos objetivos e subjetivos, como mediação necessária para tentar explicar os fenômenos investigados, parece ser uma condição, na medida em que a teoria dialética postula, com base na lei dos saltos, a necessária articulação entre os aspectos quantitativos e qualitativos.

O tipo de técnica e, especialmente, a forma de elaboração do instrumento, não podem centrar a caracterização do tipo de estudo, na medida em que podemos utilizar uma diversidade de alternativas de abordagem para realizar a coleta do dado. Podemos, por exemplo, ter um instrumento composto na sua quase totalidade por questões fechadas e apenas uma questão aberta significativa, e daí aportar profundos conteúdos qualitativos sobre determinado tema. Caso fosse aplicado a um grupo cuja amostra fosse estatisticamente calculada, os resultados poderiam ser generalizados. Nesse caso, como seria classificado, como um estudo quantitativo ou qualitativo?

Os enfoques mistos ou quanti-qualitativos passam a ser debatidos e sistematizados a partir da metade da década de 90 do século XX, mas é somente em 2003 que foi publicado por Tashakkori e Tedlie o *Handboock of mixed methods in the social e behavior science* (CRESWELL 2010, p. 243), produção que apresenta a primeira versão geral sobre essa estratégia de investigação, destacando suas particularidades e caracterizando esse tipo de pesquisa enquanto abordagem distinta dos estudos qualificados como quantitativos ou qualitativos (PRATES, 2010).

Sampiere, Fernandéz-Collado e Lucio (2006, p. 753), referindo-se à possibilidade de que este tipo de estudo possa ser caracterizado como alternativo à oposição entre dados quantitativos e qualitativos, destacam que os pesquisadores, aos quais chamam de integradores, são aqueles que “además de asignarles una posición igual a los enfoques cuantitativos y cualitativos, han adoptado la posibilidad de combinarlos en un mismo estudio”.

Este tipo de enfoque pauta-se numa concepção chamada por Creswell (2010, p. 32) de “reivindicatória e participatória”, cujas bases, segundo o autor, buscam fundamento nas obras de Marx, Adorno, Marcuse, entre outros. Este tipo de pesquisa, complementa, “defende que a investigação da pesquisa precisa estar interligada à política e a uma agenda política” (idem) e trata de temas relacionados às expressões da questão social, tais como desigualdade, opressão, dominação, supressão, alienação e capacitações para o seu enfrentamento. Destaca que este tipo de pesquisa pretende dar voz aos sujeitos pesquisados e contribuir com a elevação de sua consciência, valorizando o processo e aportando sugestões no sentido de contribuir com mudanças que possam ter impactos na melhoria da vida dos sujeitos.

A coleta de dados nesse tipo de estudo pode ocorrer de modo sequencial ou concomitante. O peso atribuído aos dados pode ser igual ou enfatizar um ou outro, dependendo do objeto do estudo e de sua finalidade. A combinação ou mixagem de dados pode acontecer

entre uma primeira fase da pesquisa e a coleta de dados da segunda fase da pesquisa [ou] [...] o pesquisador pode coletar os dados quantitativos e qualitativos concomitantemente e integrar, ou então fundir os bancos de dados, transformando os temas qualitativos em contagens e comparar essas contagens com dados quantitativos descritivos (CRESWELL, 2010, p. 244).

Pode ainda o pesquisador, nesse tipo de estudo, não utilizar a conexão de dados entre as fases e, em vez disso, incorporar uma forma secundária de dados dentro de um estudo mais amplo. Neste caso, “o banco de dados secundário desempenha o papel de apoio no estudo” (idem).

Outra característica do enfoque misto é a visualização da proposta de investigação que, segundo Creswell (2010), mostra os dados que têm maior peso, quantitativos ou qualitativos, a sequência, primeira etapa constituída pela coleta qualitativa e maior peso para este tipo de dados, seguida de uma segunda quantitativa, que o autor chama de estudo explanatório sequencial ou vice-versa, com maior peso para os estudos quantitativos, o que chama de estudo exploratório sequencial, ou ainda os projetos concomitantes, categorizados por Creswell (2010, p. 250-253) como triangulação concomitante, incorporado concomitante e transformativo concomitante.

O uso da triangulação é um procedimento destacado pelo autor (CRESWELL, 2010), o que será corroborado por Sampiere, Fernández-Collado e Lucio (2006).

Conforme Triviños (1987), a técnica da triangulação objetiva abarcar a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo, exatamente porque reconhece a interconexão entre os fatos e a impossibilidade de apreendê-los de modo consistente quando isolados. Reconhece que os fenômenos sociais são multicausais e não podem ser explicados sem o desvendamento de suas “raízes históricas, sem significados culturais e sem vinculações estreitas e essenciais com uma macrorrealidade social” (TRIVIÑOS, 1987, p. 138).

O primeiro aspecto destacado pelo autor são as percepções dos sujeitos, através das formas verbais; o segundo são os elementos produzidos pelo meio, tais como documentos, leis, decretos, pareceres, entre outros; o terceiro ângulo a ser contemplado é a análise dos “processos e produtos originados pela estrutura socioeconômica e cultural do macro-organismo social no qual está inserido o sujeito”, o que inclui a luta de classes, o modo de produção, as forças produtivas e relações de produção (TRIVIÑOS, 1987, p. 139).

Sampiere, Fernández-Collado e Lucio (2006, p. 790) ressaltam que os estudos mistos tomam vários pontos de referência para aprofundar a apreensão de um objeto de estudo, razão pela qual privilegiam o processo de triangulação. Contudo, estes autores apresentam várias possibilidades para a efetivação dessa técnica, quais sejam: (1) a triangulação de dados que contempla tipos diversos, fontes diversas, tempos diversos e diferentes bases de dados; (2) a triangulação de enfoques e técnicas que podem conformar-se a partir de desenhos de duas ou mais etapas, desenho de enfoque principal ou predominante, desenhos em paralelo ou ainda desenhos mistos complexos; (3) a triangulação de investigadores que utilizam técnicas comuns ou que utilizam técnicas diversas a partir da colaboração entre grupos, conformando um trabalho em equipe; (4) a triangulação de teorias a partir da “construção de novas teorias que aglutinam princípios de outras, desenvolvimento de uma perspectiva teórica para uma investigação particular, consolidação ou ampliação acerca de um fenômeno ou problema em estudo”; (5) “a triangulação de ciências ou disciplinas” (SAMPIERE; FERNANDÉZ-COLLADO; LUCIO, 2006, p. 790).

É possível constatar no relato de alguns autores a relevância do uso de estudos mistos, quanti-qualitativos ou multimetodológicos para fundamentar suas investigações.

Luz (2010), em sua Tese de Doutorado, comparando condições de mulheres brasileiras e espanholas que trabalham em cozinhas hospitalares, estudo este definido pela autora como misto ou quanti-qualitativo, destaca que a integração entre as análises quantitativas e qualitativas possibilitou

identificar que, embora as pesquisadas apresentassem características pessoais similares, a diferença de resultados quanto aos níveis de comprometimento físico estava relacionada às condições de trabalho.

A investigação contemplou uma avaliação ergonômica do trabalho, seguida de análises da tarefa, da atividade e da situação de trabalho; foram utilizadas entrevistas, observações diretas, testes com pedômetro, cronômetro, entre outros instrumentos de medição. Um dado quantitativo fundamental verificado pela pesquisadora foi a média de horas trabalhadas por cada grupo, que na Espanha era de 5,8h e no Brasil de 11,23h (LUZ, 2010).

Coutinho (2008), realizando estudos na Universidade de Minho, Portugal, acerca do uso do estudo de caso como parte dos métodos de investigação em Educação, relata que, embora ainda predominem os estudos qualitativos, a utilização de estudos do tipo misto, como, por exemplo, aqueles que tomam uma escola como caso, o aporte de variáveis quantitativas de natureza demográfica, como o número de alunos, as taxas de reprovação, entre outros dados, são de extrema importância, o que tem resultado num crescimento dos estudos caracterizados como multimetodológicos ou mistos.

A referência a novas produções e estudos realizados nos EUA, México, América do Sul (Brasil, Colômbia, Argentina) e na Europa (Portugal e Espanha) evidencia a necessidade de estarmos atentos a este tipo de investigação como mais uma possibilidade em termos de metodologia de pesquisa, especialmente para os que orientam suas investigações pelo materialismo dialético e histórico ou estudos que têm como objeto a avaliação de políticas públicas, cujo aporte de dados de ordem quantitativa e qualitativa é imprescindível.

### **À guisa de uma totalização provisória**

O acirramento da questão social, apesar da redução de algumas desigualdades no Brasil, nos últimos anos, vem acompanhado pelo surgimento de novos modos de exclusão/inclusão precária que mascaram esses processos. Em que pese a perspectiva de aprofundamento da democracia e da ampliação do acesso a direitos para o conjunto da população, fruto de muitas lutas populares, a disputa entre projetos políticos que afirmam esses direitos como elementos fundamentais ao desenvolvimento de novos patamares de sociabilidade e os projetos que os negam, afirmando que os investimentos sociais precisam ser reduzidos e sua responsabilidade transferida à sociedade, continua sendo central no cenário contemporâneo. A nova crise estrutural vivenciada pelo capitalismo, que teve início em 2007/2008, assinala um momento de recrudescimento ainda maior da questão social, o que seguramente trará, por um lado, novas mazelas sociais, e, por outro, a possibilidade histórica de que se conformem novas formas contra-hegemônicas. Estes aspectos precisam ser contemplados nas investigações e análises realizadas por pesquisadores comprometidos com o seu tempo histórico, para que possam contribuir com o desvendamento das múltiplas determinações que condicionam o real e com os valores que a eles são subjacentes.

Adensar conhecimentos sobre a pesquisa social cada vez mais se constitui em tarefa fundamental do Serviço Social, na medida em que não é possível propor intervenções consistentes que não se pautem numa análise crítica da realidade e dos contextos nos quais se inserem sujeitos, grupos, instituições e sociedades. Sua relevância foi reconhecida pelo conjunto da categoria, que atribui à pesquisa uma importância fundamental no âmbito da formação e da competência profissional, o que está claramente explicitado e destacado no Documento ABESS/CEDEPSS (1996), que orienta a formação profissional (PRATES, 2006).

O mesmo documento destaca a importante contribuição da obra fundamentada no referencial marxista, para dar conta de nosso objeto, a questão social, a partir da:

Aprensão do processo social como totalidade, reproduzindo o movimento do real em suas manifestações universais, particulares e singulares, em seus componentes de objetividade e subjetividade, em suas dimensões econômicas, políticas, éticas, ideológicas e culturais, fundamentado em categorias que emanam da teoria crítica (ABEPSS/CEDEPSS, 1996, p. 12).

Um aspecto do método que ressaltamos como fundamental é sua riqueza em aportar elementos que nos auxiliam a desvendar o real e, ao mesmo tempo, orientar processos interventivos. A análise da realidade é necessária ao processo interventivo, porém, mais do que contribuir para o processo de análise, o método aporta elementos que nos auxiliam a intervir, exatamente porque suas categorias fundamentais emanam da realidade. E isto é essencial às profissões interventivas, como o Serviço Social (PRATES, 2003a).

Uma pesquisa deve responder sempre a um problema, seja teórico ou prático. Em se tratando do referencial dialético-crítico, no entanto, sempre será teórico-prático, porque o caráter interventivo lhe é constitutivo, na medida em que tem a transformação do real como finalidade, o que só pode ser realizado a partir dessa unidade necessária. Logo, o conhecimento contemplativo não é suficiente para este paradigma. Marx e Engels (1993, p. 14) já criticavam os filósofos de seu tempo, ressaltando que não basta interpretar o mundo, “o que importa é transformá-lo”. E dizem ainda os autores que “É na práxis que o homem deve demonstrar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter terreno de seu pensamento” (MARX; ENGELS, 1993, p. 12).

A posição assumida por autores que afirmam orientar seus estudos pelo referencial materialista, dialético e histórico necessita materializar-se nos objetivos do estudo que, não raras vezes, em que pese a opção do pesquisador por esse paradigma, se limitam a conhecer, desvendar, identificar. Entendemos que estes não são objetivos suficientes. Não basta conhecer, precisamos explicitar o que queremos conhecer e para que conhecer. Queremos desvendar para dar visibilidade, para subsidiar estratégias ou políticas, para contribuir com o fortalecimento dos sujeitos, para desmistificar estigmas, processos alienadores, enfim, desvendar para subsidiar ou instigar aprimoramentos, mudanças, transformações, mesmo que provisórias. Parece-nos ser esta também uma questão de método (PRATES, 2003a).

Os breves aportes realizados acerca do método marxiano e do enfoque misto mostram particularidades comuns entre ambos, entre as quais destacamos: a perspectiva transformadora, emancipatória; os procedimentos dedutivo e indutivo; o uso articulado de dados quantitativos e qualitativos, atribuindo igual relevância a ambos; a expressão da voz dos sujeitos e a valorização não só de resultados, mas também do processo ou do caráter pedagógico da investigação; e, por fim, a clareza de finalidade, orientada para a superação das desigualdades.

Sem dúvida, por tratar-se de um enfoque cuja sistematização ainda é recente, especialmente no Brasil, muito é preciso avançar em relação ao debate sobre as alternativas para a efetivação de estudos orientados pelo enfoque misto.

Contudo, é preciso que nos desafiemos a contribuir com novos modos de efetivar investigações, não só no que concerne à diversificação temática e sua problematização contextualizada a partir de múltiplos aspectos, mas também no que tange à teoria e metodologia de pesquisa, superando dicotomizações históricas que, embora tenham contribuído para a negação de apreensões reducionistas da realidade, hoje exigem novas superações. Nesse sentido, os estudos realizados pelo Serviço Social, que podem ser caracterizados como mistos, embora ainda assim não sejam reconhecidos pelos próprios pesquisadores, sem dúvida, têm muito a contribuir.

## Referências

- ABREU et al. *Condições sociais e de saúde mental de moradores de rua adultos em Porto Alegre*. Relatório de Pesquisa. Porto Alegre: FAPERGS, 1999.
- ABESS/CEDEPSS. Proposta básica para o projeto de formação profissional. *Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, Cortez, n. 50, 1996.
- BULLA, Leonia C.; MENDES, Jussara; PRATES, Jane C. *As múltiplas formas de exclusão social*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- COUTINHO, Clara. Métodos de investigação em educação. Portugal, Universidade de Minho, 2008. Disponível em: <<http://grupo4te.com.sapo.pt/mie3.html>>.
- CRESSWELL, *O projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- CURY, Carlos R. Jamil. *Educação e contradição*. São Paulo: Cortez, 1986.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani. *Metodologia da pesquisa educacional*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- HOBSBAWM, Eric J. et al. *História do marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. v. 11.
- KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LEFEBVRE, Henri. *Sociologia de Marx*. Rio de Janeiro: Forence, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Lógica formal / lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- LUZ, C. M. *Condições de trabalho na produção de refeições como fatores de risco para doença venosa de membros inferiores: análise comparativa entre Brasil e Espanha*. Universidad de Alcalá, Alcalá de Enares, Espanha (2010). Disponível em: <[http://www.cefid.udesc.br/documentos/2011/resumo\\_tese\\_doutorado\\_clarissa\\_luz\\_alcala\\_espanha.pdf](http://www.cefid.udesc.br/documentos/2011/resumo_tese_doutorado_clarissa_luz_alcala_espanha.pdf)>.
- MARX, K. *O capital*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989. Livro 1, v. 1.
- \_\_\_\_\_. *Manuscritos econômicos e filosóficos*. III: Manuscrito. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).
- \_\_\_\_\_. *A questão judaica*. Rio de Janeiro: Achiamé, s.d.
- \_\_\_\_\_; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- MENDES, Jussara M. R.; PRATES, Jane C. Algumas reflexões acerca dos desafios para a consolidação das diretrizes curriculares. *Temporalis*, Brasília, ABEPSS, n. 14, 2007.
- PRATES, Jane Cruz. *Possibilidades de mediação entre a teoria marxiana e o trabalho do Assistente Social*. Tese de Doutorado, Porto Alegre, PUCRS, 2003.
- \_\_\_\_\_. O planejamento da pesquisa. *Temporalis*, Porto Alegre, ABEPSS, n. 7, 2003a.
- \_\_\_\_\_. O método e o potencial interventivo e político da pesquisa social. *Temporalis*, Brasília, ABEPSS, n. 9, 2006.
- \_\_\_\_\_. A mediação da teoria e do método marxiano na formação profissional. *Anais do CBAS*. Brasília, 2007.
- \_\_\_\_\_. *La conjuntura y los desafíos para la enseñanza y la investigación en el enfrentamiento a la cuestión social*. Buenos Aires: EPALL, 2009.
- \_\_\_\_\_. A avaliação de políticas sociais e o enfoque misto na pesquisa. *Anais do ENPES*. Rio de Janeiro, 2010.
- REIS, C. N.; PRATES J. C.; MENDES. *A realidade do morador de rua de Porto Alegre*. Relatório de Pesquisa. Porto Alegre: FSS-PUCRS/ FASC-PMPA, 1995.
- REIS, Carlos N. dos; PRATES, Jane C. (Org.). *Fragments de uma metrópole: meninos e meninas em situação de rua*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- SAMPIERI, Roberto H.; FERNÁNDEZ-COLLADO, Carlos; LUCIO, Pilar B. *Metodología de la investigación*. 4. ed. México: McGraw-Hill, 2006.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 4. ed. São Paulo: Polis, 1985.
- TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1995.